

Nesses dias ensolarados de agosto eu gosto mesmo é de ficar sentada numa pedra no quintal, olhando o céu por cima do pé de sino chinês, escutando a fala do mundo. Um galo cocoró canta longe. Em resposta, o sinal do recreio da escola simula um longo apito de fábrica em hora de almoço. Cachorros latem aí na frente da rua, outros respondem lá nos fundos do mundo. O bem-te-vi espia mascarado por cima do muro, um sabiá descansa seu vôo no varal, a fogo-apagou voa por engano para dentro do galinheiro. Um avião risca um rastro branco no céu azulzinho. Na grama cheia de sol um ou outro pardal tica daqui, tica de lá, bica e come sobras da galinha e de sua familhinha de pintinhos. Ouço a gargalhada de minha mãe. Meu irmão, faminto, chega correndo da escola: Mãe, põe o meu! Minha irmã imita o Tatita, tati-tatá, o tatibitati. Meu pai chama minha irmã Belisquinho. Lembro meu padrinho e uma cantiga: Pisa na fulô, pisa na fulô, pisa na fulô não maltrate o meu amor...

Gosto de me sentar na pedra de tardezinha, depois do almoço. Vejo meu tio Pasqual, já velho, com seu chinelo havaiana azul, a camisa branca desabotoada, bandeira da paz surgindo da roça e descendo a rua nas carreiras para me abraçar, conhecer a sobrinha que veio de São Paulo tontear sua surpresa na Baixa Grande. Meus olhos ficaram para sempre impregnados da felicidade de seu sorriso e do paradoxo de sua pobreza. Nunca mais pararam de chorar. Irremediavelmente. Para sempre.

No espaço sem fim, as nuvens ganham contorno de um desenho: a casinha de minha tia Duga quando chegamos da Bahia: uma casinha de madeira avermelhada, cor de barro; o barranco nos fundos, um alto, mercado de picareta, covinhas de enxada. Lá brotavam samambaias pequenininhas, musguinhos, um mundinho para os bichinhos tico-tiquinhos.

Na parede de fora da casa, perto do tanque, latas quadradas de óleo, cortadas, penduradas, vasos de planta. Trepadeiras. Flores vermelhas. Minha tia se foi. Minha mãe se anuncia. Às vezes penso que passarinho é ela. Sinto o cheiro da laranja que ela descasca sentada no degrau da cozinha.

Nas tardes ensolaradas de agosto meus olhos acariciam a cabecinha branca de meu pai. Minha mãe e minha tia Nair conversam, dão risadas, contam casos. Lembram da Lagoa d'Anta, da Espera d'Anta, do Covão. Elas cavalgam nas fazendas Pedra Branca e Escorreguenta. Ouço os cascos de seus cavalos. Meu avô rezando o Ofício de Nossa Senhora às cinco horas da manhã, todos os dias, para sempre.

Nas tardes ensolaradas de agosto, eu fico sentada na pedra escutando a zoada do mundo.

---

1 Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. Pesquisa: Guimarães Rosa e Mia Couto: ecos do imaginário infantil.